

## Coisas de Mãe

por João César das Neves

O Menino Jesus estava escondido atrás de um monte de lenha. Era uma tarde soalheira em Nazaré, e a pequenada aproveitara o tempo livre para brincar. Desta vez ficara o Samuel, o filho do padeiro, à apanhada. O pequeno começava a contar, com os olhos tapados pelo braço encostado à parede. Todos se tinham escondido onde podiam. Havia duas meninas metidas no estábulo da esquerda e o ágil Joaquim subira a um sicómoro. Outros fugiram para as traseiras. Daí a pouco o Samuel começaria a correr à procura dos colegas. O Menino Jesus, pacientemente, espreitava por entre os troncos da lenha e esperava o início da gritaria.

Naqueles momentos de espera, o Menino levantou logo o espírito ao Pai. Era assim sempre. Tudo à Sua volta Lhe mostrava o Pai. O sol, as árvores, o balir das ovelhas, até o contar ritmado do Samuel ali perto. O Pai falava-Lhe de Si em todas as coisas que via. Jesus não conseguia olhar para tudo sem pensar logo no Pai. Em tudo via sempre esse rosto que Lhe sorria, que Lhe repetia a Sua glória, a glória que Ele tinha com o Pai e o Espírito. O Menino, também agora, vivia nessa glória que tinha desde antes do início dos tempos, pelos séculos dos séculos. Aqui, apesar do pó, do ruído, do cansaço, era tudo tão semelhante ao reino dos céus!

O Menino seguia a contagem que o Samuel fazia vagarosamente. Ouviu-se risadas do lado esquerdo, de alguém que ainda não decidira o seu esconderijo. Foi então que passou o velho Neemias. Ia com um saco de sementes para o campo. Aquele sementeiro, em cima do seu burro, lembrava muito o reino dos céus. O grão iria voar pelo ar e cairia na terra fértil. Aquilo, evidentemente, não podia parecer-se com outra coisa senão com o reino de Deus. As figueiras ao fundo da rua, as aves do céu e os lírios do campo. Era tudo tão parecido com o reino dos céus! Quem tivesse olhos para ver via perfeitamente.

Nesse momento o Menino, que tinha ouvidos para ouvir, sentiu um pequeno ruído. Era o tilintar de louça de barro ali perto. Veio-Lhe então ao pensamento que esse ruído era aquilo que mais Lhe mostrava o Pai. Porque nada Lhe mostrava tanto o Pai como a Mãe. Ali, do Seu esconderijo, Jesus conseguia ver a janela aberta da Sua casa. E as portas de madeira da janela, entreabertas, mostravam-lhe, de vez em quando, a Sua Mãe que passava, atarefada, na cozinha. Quando Ela parou um bocadinho junto à janela, ocupada a lavar os pratos, o Menino estremeceu com o amor intenso que sentia por Aquela que Ele escolhera para Sua Mãe.

Às vezes, quando ficava acordado durante a noite a dar glória ao Pai, o que Lhe acontecia muito, o Menino dava por Si a pensar como Lhe era difícil, em certos momentos, distinguir o Pai da Mãe. Descobrira que, ao olhar para a Mãe, só conseguia ver o Pai. Sobretudo de manhã, quando Ela Lhe servia o pequeno-almoço, antes de Ele ir para a escola do rabi. Então, a luz que saía da Mãe era ainda mais forte do que a do Sol nascente.

O Verbo de Deus nunca fizera nada tão parecido Consigo, com o Pai e com o Espírito. Maria era o que de mais parecido havia com Deus, Ela, tal como Ele, também via o rosto do Pai em tudo. Ela, tal como Ele, também vivia a cada momento no reino dos céus. Mãe e Filho não precisavam de falar para se entenderem, porque ambos só falavam do Pai ou com o Pai. Toda a gente em Nazaré dizia que Jesus era a cara chapada da Mãe. Mas ninguém, como Ele, sabiaque isso era porque a Mãe dele era a cara chapada do Pai.

Nesse momento a Senhora apareceu à porta de casa e saiu. Vinha ver onde estava o Seu Menino. Era mesmo de mãe! Aquela mãe, como tantas outras, não conseguia estar muito tempo sem saber do Seu Menino. Só que agora Ela ia estragar tudo. O Samuel estava quase a acabar de contar e, por isso, Jesus não podia sair do Seu esconderijo, senão lá se ia a brincadeira. Atrás dos troncos da lenha, o Menino viu a Mãe avançar na rua, olhando para todos os lados. E viu o Samuel, lá longe, a acabar de contar. Havia ali um dilema evidente para o Menino Jesus. A Mãe andava à procura dele, mas Ele estava escondido. Satisfaria a busca da Mãe ou manteria a brincadeira com os amigos?

Enquanto a via avançar, o Menino pensou que Ele era a única pessoa do mundo que tinha podido escolher a Sua própria Mãe. Mas, escolhendo-A perfeita, porque A fizera perfeita, tinha de A escolher para mãe. E uma mãe, qualquer mãe, não se consegue conter sem ver onde andam os seus filhos. Com Maria sempre fora assim desde aquele estábulo sujo. Em Belém, no Egito, agora em Nazaré. E sempre haveria de ser assim. O Menino sabia bem que sempre haveria de ser assim.

Ali, atrás do monte de lenha, Jesus conseguia saber já que a Sua Mãe, aquela mãe que agora olhava para os campos do fundo da rua à procura do Seu filho, haveria um dia de ir ansiosa ao Templo de Jerusalém, para saber como Ele estava. Mais tarde, sairia frequentemente de Nazaré, só para ter notícias das andanças do Seu Filho pregador. Chegaria a sentar-Se, com tantos outros discípulos, no monte perto do lago, a ouvir as Bem-Aventuranças. Aquelas Bem-Aventuranças que o Filho imaginara a pensar na Mãe. Ela estaria mesmo, um dia, junto a uma cruz de condenado, num local tão impróprio para uma mulher da Galileia. Só porque não Se continha sem saber onde andava o Seu Menino.

Maria continuava a Sua busca. Nunca chamava pelo Filho, como faziam tantas mães de Nazaré. Ela não queria incomodar as brincadeiras d'Ele. Queria só saber como Ele estava. Mas sem que desse por Ela. E Ele, que sabia sempre disso, muitas vezes fazia com que Ela não visse que dera por Ela.

Jesus, ali atrás da lenha, daquela lenha que tanto Lhe lembrava o Pai, via ainda mais. Via que estas manias de mãe não acabariam com o fim da sua vida aqui. Via, por exemplo, como a Sua Mãe haveria de descer múltiplas vezes do céu, só para ver os Seus filhos da Terra, falar com eles e avisá-los dos perigos. Jesus, o Seu Pai e o Espírito só conseguiam sorrir ao verem aquela mãe que não conseguia estar quieta. Como todas as mães.

Ela viria falar a crianças e a velhos, a bárbaros e a senhoras da sociedade, a monges e a soldados. E haveria mesmo de inventar pequenas coisas, só para ajudar os Seus filhos. Como todas as mães faziam. Muito se haveria de falar no céu quando ela decidisse conceber o escapulário, por exemplo. Ou quando andasse meses a desenhar a medalha

milagrosa. Tudo para depois trazer consigo e deixar de lembrança aos filhos nas visitas. Coisas de Mãe.

Só porque, como qualquer mãe, não conseguia estar quieta sem ajudar os filhos. Sobretudo os que estavam em dificuldades. Como daquela vez, daqui a muitos séculos depois daqueles tempos horríveis e antes das enormes calamidades. Nessa altura ela dar-Se-ia ao trabalho de ir a um monte desolado, na terra do fim do mundo, só para falar a três pastorinhos.

Pastorinhos como aqueles que agora estavam escondidos mesmo atrás da carroça ao lado da fonte. Mas foi então, quando viu os pastorinhos escondidos, que a Senhora parou a meio da rua. Maria ouviu a contagem que o pequenito fazia na casa do fundo e percebeu que os miúdos estavam a jogar às escondidas. Um sorriso mais aberto apareceu nos Seus lábios, e Ela apressou-Se a voltar para casa. Não queria estragar a brincadeira das crianças. A permanente atenção de Maria para com todos, em especial com o Seu Filho, estava também ligada à Sua suprema delicadeza.

O Menino Jesus deu um suspiro de alívio. O Seu esconderijo estava a salvo. Foi então que o Samuel, finalmente, acabou de contar e desatou a correr e a gritar. A brincadeira continuava.